



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

JOSEFA VIRLÂNDIA LEITE PALITÓ

**A PRODUÇÃO ESPACIAL, A PARTIR DAS RELAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS NO “CIRCUITO INFERIOR” DA ECONOMIA
URBANA, NO BAIRRO DO GROTÃO, JOÃO PESSOA (PB)**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

JOSEFA VIRLÂNDIA LEITE PALITO

**A PRODUÇÃO ESPACIAL, A PARTIR DAS RELAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS NO “CIRCUITO INFERIOR” DA ECONOMIA
URBANA, NO BAIRRO DO GROTÃO, JOÃO PESSOA (PB)**

Monografia apresentada junto à Coordenação do Curso de Graduação em Geografia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christianne Maria Moura Reis

JOÃO PESSOA/PB
2014

P163p Palito, Josefa Virlândia Leite.

A produção espacial, a partir das relações socioeconômicas no “circuito inferior” da economia urbana, no Bairro do Grotão, João Pessoa (PB) / Josefa Virlândia Leite Palito.-- João Pessoa, 2014.

62p. : il.

Orientadora: Christianne Maria Moura Reis

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCEN

1. Geografia urbana. 2. Espaço urbano – Bairro do Grotão – João Pessoa (PB). 3. Relações socioeconômicas.

4. Economia urbana. 5. Circuito inferior.

UFPB/BC

CDU: 911.375(043)

JOSEFA VIRLÂNDIA LEITE PALITO

**A PRODUÇÃO ESPACIAL, A PARTIR DAS RELAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS NO “CIRCUITO INFERIOR” DA ECONOMIA
URBANA, NO BAIRRO DO GROTÃO, JOÃO PESSOA (PB)**

Monografia aprovada em / /2014, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, a qual foi submetida à aprovação, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Christianne Maria Moura Reis – UFPB
Orientadora

Prof^ª. Ms. Araci Farias Silva – UFPB
Examinadora

Prof^ª. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos– IFPB
Examinadora

**JOÃO PESSOA/PB
2014**

Dedico esta conquista a todos que torceram por mim e estiveram ao meu lado. Em especial a minha querida e inesquecível irmã, Virleia Leite, que nos deixou muito cedo. (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus pela força e coragem de continuar em busca deste objetivo diante dos percalços.

A minha família que, me incentivou e apoiou sempre para que eu conseguisse alcançar meus objetivos; a meus pais Aloísio e Maria, a meus irmãos, (Virlene, Hemerson, Virliane, Virleide, Lenilson e Pedro); a meu esposo Paulo, pela paciência; a minhas cunhadas, (socorro, Auxiliadora e Vanuza) por me ajudarem com os meus pequenos; e a eles, (Deborah e Daniel), por servir de inspiração; a meus tios, em especial Fátima, professora licenciada em geografia, pelo o incentivo e escolha que fiz.

Quero agradecer a Prof^ª. Dr^ª. Christianne Maria Moura Reis, minha orientadora, por ter aceitado a desafio com muita dedicação e profissionalismo. Muito obrigada pelos incentivos, e pelas discussões teórico-metodológicas que mantivemos para realização desta monografia.

As professoras que compuseram a banca examinadora; Prof^ª. Ms. Araci Farias Silva e Prof^ª. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos, também contribuíram muito para fundamentação do meu trabalho. Aos professores que contribuíram para esse momento; Aos funcionários da coordenação de geociências e do DEGEOC, em especial Elvira pelo profissionalismo, muito obrigado;

Aos meus colegas de turma de geografia 2009.2 e amigas em especial, Erika, Jakeane, Iranilda e Rejane, pela amizade e confiança e por ter me ajudado sempre prontamente em momentos de dificuldades.

Aos moradores do bairro do Grotão, que me receberam e me ajudaram prontamente, e aos feirantes e fregueses que tiraram um pouco do seu tempo corrido para responder aos questionários e foram muito importantes para a realização deste trabalho.

Em fim a todos que fazem a UFPB, esta instituição que nos acolhe e nos proporciona conhecer novos caminhos e nos reinventar diante de nós mesmos. A todos muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho buscou fazer uma análise do comércio no bairro do “Grotão”, localizado na zona sul de João Pessoa (PB). Destacando as relações socioeconômicas a partir do “*Circuito Inferior*” da economia na área de estudo. Buscou entender o processo de ocupação e a dinâmica atual dos agentes que produzem o comércio local, identificando os tipos de atividades, para então, discutir a produção do espaço urbano e a evolução socioespacial no Grotão. A partir da análise do comércio, discutir a importância das relações que são estabelecidas com o bairro e dentro do contexto da cidade de João Pessoa. Nesse contexto, verificou-se que o “Grotão” vem se destacando com o seu “*subsistema*” comercial, pela sua influência na circulação e comercialização de mercadorias, e nas transformações das relações socioespaciais do bairro e áreas circunvizinhas. Teve como embasamento teórico a teoria dos circuitos da economia urbana de Santos (1979). Para tanto os recursos e procedimentos variaram de pesquisas bibliográficas, entrevistas, aplicação de questionários e análise de imagens de satélites atualizadas do espaço geográfico em questão. Será um procedimento analítico descritivo.

Palavras-Chaves: Espaço Urbano. Bairro do Grotão. Circuito Inferior.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the trade in "Grotão " district, located in the south of João Pessoa (PB) . Highlighting the socio-economic relations from the "Lower Circuit" of the economy in the study area . Sought to understand the process of occupation and the current dynamics of the agents that produce local trade, identifying the types of activities, to then discuss the production of urban space and the socio-spatial developments in Grotão. From the analysis of the trade, discuss the importance of the relationships that are established with the district and within the context of the city of João Pessoa. In this context, it was found that the "Grotão" has stood out with her "subsystem" commercial, for its influence on the distribution and marketing of goods, and the transformation of socio-spatial relations of the neighborhood and surrounding areas . Had the theoretical foundation of the theory of the urban economy of Santos (1979) circuits. For both the resources and procedures ranged from literature searches, interviews, questionnaires and analyze images from satellites the updated geographical area in question. It will be a descriptive analytical procedure

Key Words: Urban Space. District Grotão. Lower Circuit.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACCMAG	Associação Comunitária de Comerciantes e Moradores Amigos do Grotão
BNH	Banco Nacional de Habitação
CAGEPA	Companhia de Abastecimento de Água e Esgoto da Paraíba
CEHAP	Companhia Estadual de Habitação Popular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PSF	Programa de Saúde da Família
SEPLAN	Secretaria de Planejamento do Município
SFH	Sistema Financeiro de Habitação
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
CEF	Caixa Econômica Federal
BB	Banco do Brasil
FAC	Fundação de Ação comunitária
CREI	Centro de Referência de Educação Infantil

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa de Localização da área de estudo.....	25
Figura 2	Disposição das barracas na feira.....	26
Figura 3	Destaque para a presença de comerciantes ambulantes, compondo a feira no bairro.....	26
Figura 4	Ilustração de barracas de venda de frutas.	27
Figura 5	Ilustração de barracas de venda de pescado.....	27
Figura 6	Ilustração de barracas com vendas de artigos e vestuários.....	28
Figura 7	Posto médico (USF)-unidade de saúde da família.....	33
Figura 8	Creche/CREI- Centros de Referência em Educação Infantil.....	33
Figura 9	EMEF Tarsila Barbosa da Franca.....	33
Figura 10	EMEF Pedra do Reino.....	33
Figura 11	Associação de comerciantes/Grotão.....	34
Figura 12	Caixa de distribuição de água (CAGEPA).....	34
Figura 13	Serviço de telefonia móvel.....	34
Figura 14	Correspondentes bancários: Banco do Brasil (BB).....	34
Figura 15	Correspondentes bancários, CEF (Caixa Econômica Federal).....	34
Figura 16	Imagem ilustrando a situação do remanescente de vegetação natural do bairro Grotão.....	35
Figura 17	Vista da Rua Espedito Belmiro dos Santos, local da feira.....	36
Figura 18	Vista da Rua Laudina da Cunha Santos. Sentido Colinas do Sul.....	37
Figura 19	R.Severino Bento de Moraes. Sentido João PauloII /Funcionarios II.....	37
Figura 20	Supermercado (Mendonça) localizado na Rua Espedito Belmiro Santos.....	43
Figura 21	Lojas de calçados/armarinho.....	43
Figura 22	Estabelecimentos : Farmácias, lotéricas, lojas.....	44
Figura 23	Lojas, academia, materiais de construção.....	44

Lista de gráficos

Gráfico 1/2	Grau de escolaridade dos feirantes e comerciantes donos estabelecimentos.....	39
Gráfico 3	Dados referentes ao local de residência dos feirantes.....	40
Gráfico 4	A diversidade dos estabelecimentos comerciais.....	42
Gráfico 5	Origem dos consumidores do comércio.....	46
Gráfico 6	Sobre a preferência dos consumidores em comprar na feira.....	46
Gráfico 7	Frequência que os consumidores vão a feira.....	47
Gráfico 8	Sugestões para melhorias na feira segundo os consumidores.....	47

Lista de tabelas

Tabela1	Artigos expostos na feira do Grotão.....	38
---------	--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
Capítulo 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1 Espaço Urbano - Cidade - Bairro.....	18
1.2 Análise espaço temporal.....	19
1.3 A Teoria dos Circuitos da Economia Urbana.....	20
1.4 Feiras Livres e Estabelecimentos Comerciais.....	22
Capítulo 2 O BAIRRO “GROTÃO”	24
2.1 A ocupação territorial no bairro Grotão, a partir da criação da feira livre na década de 1980.....	28
2.2 Infraestrutura: Equipamentos urbanos e Mobilidade.....	32
Capítulo 3 CARACTERÍSTICAS DAS RELAÇÕES SÓCIOECONÔMICA NO “CIRCUITO INFERIOR” DE FEIRA LIVRE NO BAIRRO DO GROTÃO.....	38
3.1 As relações e influências com áreas do entorno do bairro do Grotão e centrais da cidade de João Pessoa.....	48
3.2 As relações identitárias dos comerciantes a partir do cotidiano da feira.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE(S).....	55

INTRODUÇÃO

O comércio, por ser uma das mais antigas formas de atividade comercial e agentes de transformação espacial, política, econômica e social, sempre foi um dos objetos de estudo da ciência geográfica. Seu início foi marcado pelas trocas nas sociedades mais primitivas, que objetivava a satisfação das suas necessidades básicas e aproveitamento dos excedentes da produção. Com a evolução das sociedades, o comércio sofreu também grandes modificações, desempenhando assim os mais diversificados papéis, e influenciando a organização do espaço.

A modernização da produção evoluiu à medida que, a necessidade exigiu uma maior dinamicidade, e especificidades nas relações comerciais. No entanto, este processo não foi linear, ele ocorreu irregularmente tanto na escala global, quanto local. Para SANTOS, (1985, P.29-32) *apud* Santos, E. (2002. p.5), “*um ponto que recebe um feixe de inovações correspondente a uma modernização está em posição de influenciar aqueles que não a possuem*”. São sistemas que se tornam interdependentes, e subsidiam diferentes populações, que tem necessidades e poder aquisitivo diferenciado, mas que a existência de um, sustenta a ampliação do lucro e manutenção do outro.

Na Paraíba há cidades mais desenvolvidas, em detrimento a outras, que têm poucos investimentos, e que mantêm um comércio tradicional. Contudo, a diversidade nas práticas comerciais está presente em todas as formas e processos de produção do capital.

Ainda conforme a autora, o desenvolvimento do comércio em João Pessoa (PB), inicialmente concentrou-se na cidade baixa, devido à proximidade com o rio Sanhauá, onde começou o processo de colonização, e surgiram as primeiras edificações, com fins de moradias e comerciais, como os pontos de trocas de mercadorias. Os navios aportavam no “Porto do Capim”, para escoar a produção que era capitada do interior do estado da Paraíba e proximidades, e era levada para Pernambuco, de onde era enviada para a Europa. Enquanto que na parte alta da cidade, ficavam os prédios públicos e religiosos, marcando, portanto, as atividades econômicas voltadas para importação e exportação para a Europa no século XIX. (Santos, E. 2002)

O desenvolvimento da cidade se dá de forma lenta até as décadas de 1920/30, quando começam a aparecer os modernos equipamentos urbanos, como energia elétrica, distribuição de água, transportes públicos, novas vias de circulação, etc. Favorecendo,

assim, a expansão do comércio para outras áreas da cidade, surgindo os novos “centros” comerciais, ou centralidades. As modificações, como construções de edificações e de vias públicas ligando as áreas centrais as mais distantes da cidade, estabeleceriam posteriormente os conjuntos habitacionais planejados para as populações que habitavam as áreas centrais e irregulares do espaço urbano, isto veio culminar com o início de um processo de reorganização do espaço urbano de João Pessoa (PB).

Santos E. (2002), sobre as atividades comerciais tradicionais de feiras destaca:

“Em mapeamento da cidade, de 1885, aparece um único mercado público, que estava localizado nas imediações do atual prédio do INSS, na rua Barão do Abiaí. Naquela época, a mancha urbana praticamente não tinha ultrapassado os limites que atualmente se conhece como o centro da cidade, que é também identificado como o centro histórico.”(Santos, E.2002,p.53)

Estas atividades comerciais, como as feiras livres e os mercados públicos, estão relacionadas com a renda da população e ocorreram seguindo uma cronologia, em consonância com a formação dos bairros já que as suas atividades acontecem nos bairros ou conjuntos habitacionais mais populares, como Oitizeiro, Geisel, Mangabeira, etc. Porém a autora faz uma ressalva “havendo uma exceção ao Bairro dos Estados [...] embora tenha, predominantemente, uma população de renda mais elevada, comporta uma feira livre [...]”. (Santos, E. 2002, p. 53).

Os bairros distantes ficavam à margem das relações de produção que se estabeleciam no centro da cidade, e se viam obrigados a criarem alternativas para o seu sustento. Criando pontos de vendas em suas próprias residências, ou mesmo ao ar livre, foi assim que várias feiras foram surgindo nos bairros de João Pessoa (PB).

Com o intuito de aprofundar a pesquisa, dentro da temática em questão, consideramos como nosso objetivo geral, o estudo da produção espacial, a partir das relações socioeconômicas no “*Circuito Inferior*” da economia urbana, no bairro do Grotão, em João Pessoa (PB).

Especificamente, procuramos: compreender como o espaço urbano do bairro se desenvolveu a partir do comércio local; identificar a situação estrutural do bairro, a partir dos equipamentos urbanos existentes; conhecer o perfil socioeconômico dos agentes que produzem aquele espaço; e abordar as relações socioeconômicas a partir do *Circuito inferior* da economia, com ênfase na feira livre, e estabelecimentos comerciais localizados a *Rua Espedito Belmiro dos Santos*.

A área de estudo está localizada na região sul do perímetro urbano do município de João Pessoa (PB), distante aproximadamente 15 km do principal centro comercial da cidade. Dentre os aspectos econômicos se destacam as diversas atividades comerciais que se encontram localizadas na rua principal do bairro, onde se pode perceber a feira livre que fora o marco deste circuito comercial, e que resiste em meio a outros estabelecimentos comerciais.

Os resultados obtidos na pesquisa foram estruturados em três capítulos: no primeiro capítulo tratamos da fundamentação teórica, com o embasamento na teoria de Milton Santos (1979), em *Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Que classifica a partir de “novos” paradigmas e conceitos, o comércio urbano nos países subdesenvolvidos em “*Circuito Superior*” “*Circuito Inferior*”, sendo aqui aplicado em uma escala espacial intraurbana¹, para classificar as atividades modernas movidas tipicamente pelo o “capital” na cidade e as práticas comerciais tradicionais, movidas pelo “trabalho” na região periférica da cidade, portanto no bairro do Grotão. Para nos subsidiar como referencial discutiremos com base em Lefebvre (1974, 2004), as teorias da concepção de espaço urbano e cidades, da mesma forma CORRÊA (1995), vem discutindo a totalidade dos espaços e SANTOS (2009); No segundo capítulo, foi abordada a caracterização da área de estudo a partir do processo de ocupação, e fundação do bairro. Também tratamos da dinâmica da ocupação territorial no bairro do Grotão, a partir, da criação da feira livre na década de 1989; No terceiro capítulo, destacamos os principais aspectos das relações socioeconômicas, a partir, do “*Circuito Inferior*” da economia urbana, no bairro; as relações e influencias com as áreas do entorno do bairro, e, por fim, as relações identitárias dos feirantes, a partir do cotidiano da feira livre e vivência no bairro Grotão.

¹ Villaça (1998, p. 20) destaca que o espaço intraurbano se conduz pela localização. Ele é estruturado pelo “deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho –, seja enquanto consumidor – reprodução da força de trabalho, deslocamento casa-compra, casa-lazer, escola etc.”

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: (I) pesquisa bibliográfica e documental, relacionados com a temática. Onde tiveram destaque, dentre outros, os autores: SANTOS (1978, 1979, 1994), Souza Júnior (2008), Santos, E. (2002), Araújo (2006), Villaça (1998), etc. (II) trabalhos de campo, com levantamentos de dados secundários em órgãos públicos a exemplo do IBGE e SEPLAN-PMJP, dentre outros, e aplicação de questionários, e entrevistas estruturados e semiestruturados. Segundo MANZATO e SANTOS (2012):

“As entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal”. (MANZATO & SANTOS, B. 2012. p. 74-75)

A pesquisa teve caráter descritivo e buscou analisar e correlacionar fatos, utilizando os dados coletados para obtermos uma maior veracidade sobre o nosso objeto de estudo, e sua ocorrência no espaço.

Conforme e MANZATO e SANTOS (2012).

“A pesquisa descritiva pode assumir diversas formas [...] trata-se do estudo e da descrição das características [...] comumente se incluem nesta modalidade os estudos que visam identificar as representações sociais e o perfil de indivíduos e grupos, como também os estudos que visam identificar estruturas, formas, funções e conteúdos” (MANZATO & SANTOS, 2012, p.4).

Os métodos utilizados foram o *quantitativo*, comum em pesquisas descritivas, e utilizado quando objetivamos ter maior margem de segurança, utilizando amostras representativas da realidade. E *qualitativo*, que embora tenha um alto nível de complexidade dos fenômenos, proporciona um melhor entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos, como também contribuído e auxiliado nas pesquisas quantitativas com dados sobre o objeto de estudo.

A aplicação de questionários e entrevistas teve como público alvo os feirantes, comerciantes fixos, e fregueses (consumidores). O trabalho de campo possibilitou uma maior relação de interação social com os moradores e comerciantes do bairro, sendo essencial à pesquisa social.

Segundo Lacoste (2006 *apud* Arruda 2013, p.30)[...] o trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica. Para ele, “*saber pensar o espaço não é somente colocar os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas*”.

As vantagens do uso do método do questionário em relação às entrevistas são [...] Utilizam-se menos pessoas para ser executado e proporciona economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior, e não sofre influência do entrevistador. Dentre as desvantagens podem ser citadas [...]: baixo índice de devolução, grande quantidade de perguntas em branco, dificuldade de conferir a confiabilidade das respostas; demora na devolução do questionário e a impossibilidade do respondente tirar dúvidas sobre as questões o que pode levar a respostas equivocadas. (MARCONI & LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996) *apud* CARNEVALLI & CAUCHICK. (2001).

As entrevistas prévias serviram para balizar a elaboração dos questionários, que continham perguntas abertas e fechadas, cujo objetivo principal foi observar às características socioeconômicas dos feirantes, as condições de trabalho, as relações comerciais, e influencias no espaço em que está inserido. Aplicamos questionários com os moradores mais antigos do bairro (ver apêndice), e realizamos entrevistas com feirantes, comerciantes donos de estabelecimentos e fregueses (ver apêndice). Essas entrevistas foram feitas entre 11/2013 e 02/2014. Conforme MANZATO e SANTOS (2012):

“O estudo exploratório, também classificado por alguns autores como pesquisa quase científica ou não científica é, normalmente, o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e um auxílio que traz a formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter nova percepção do mesmo e descobrir novas ideias. Recomenda-se o estudo exploratório quando há poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado.” (MANZATO & SANTOS, 2012. p.5)

Os autores, MANZATO & SANTOS, (2012), concordam que, os questionários têm regras importantes para sua elaboração, como a definição dos objetivos da pesquisa, a estrutura para aplicação dos questionários, e os procedimentos para a tabulação dos dados e

interpretação, identificação do entrevistador da pesquisa, nome do entrevistador, e a enumeração dos questionários. Se for necessário também do entrevistado. As questões podem ser “abertas”, quando restringe à resposta do entrevistado, ou “fechadas” quando fornecem informações pré-definidas.

Para o presente estudo foi estabelecido como referencial de amostragem os seguintes números: 20 (vinte) moradores que residem no bairro desde o final da década de 1970, e que se dispusera a contribuir com a pesquisa, prestando informações. O questionário 01 (ver apêndice) foi aplicado aos feirantes, a partir de uma amostra de 25,6%, de um total de 162 feirantes. O questionário 02 (ver apêndice) foi aplicado aos donos de estabelecimentos comerciais, com uma amostra de 37,5% de um total de 80 estabelecimentos. O questionário 03 (ver apêndice) foi aplicado aos fregueses/consumidores, sendo predefinida a aplicação de 30 questionários diante ao grande número de fregueses frequentadores do referido comércio.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Conceitos (Espaço urbano, Cidade e Bairro)

Para Lefebvre (2004), apud Santos, R. (2011, P.91) “O espaço urbano é o resultado de uma história que deve ser concebida com a atividade de “agentes” ou “atores” sociais, de “sujeitos” coletivos que operam por impulsos sucessivos, projetam e modelam de modo descontínuo extensões de espaço”.

A cidade é fundamental na concepção do espaço produzido, que se dar a partir das relações sociais e de produção impulsionadas pelo capital e o trabalho, no processo de dominação e transformação da natureza. A *cidade* é a concretização do lugar, é a projeção dos agentes que coletivamente e individualmente a constroem. Enquanto que o *urbano* é subjetivo, gerado a partir das inter-relações das diferenças culturais, econômicas e políticas. Segundo Lefebvre (1974) apud SOUZA, C. 2009):

[...] O espaço traduz um conjunto de diferenças, ou seja, é o lócus de coexistência da pluralidade e das simultaneidades de padrões, de maneiras de viver a vida urbana.[...] Deste modo, a dialética entre o espaço concebido e o espaço vivido se materializa no momento em que as temporalidades e as espacialidades ligadas à irredutibilidade do uso se fazem presente na apropriação da cidade.

Conforme CORRÊA (1995), O espaço urbano é fragmentado e articulado, como um reflexo de condicionantes sociais, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

Segundo SANTOS, 1978: “O espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções”. (SANTOS, 1978, p. 122). A sociedade e a natureza estão inter-relacionadas em uma dinâmica constante que surge e se transforma para se adequar as funções as quais se destinam.

O processo de abairramento como define GRAÇA (2009) “surge a partir da expansão urbana da cidade que abrange o novo e o velho como casas, prédios, todas as

classes, ou seja, fragmentado e desigual e caracteriza-se por uma “aparente” autossuficiência de elementos [...]”. (Apud Silva, M. 2011, p.22). O mesmo cita ainda:

“O bairro só pode ser definido a partir da cidade entendida como totalidade, ou seja, ele não pode ser pensado de forma isolada, pois é parte de um todo urbano, sem o qual não poderia existir.” LEFEBVRE (1991) *apud* (SANTOS 2009). *Apud* (Silva, M. 2011, p.22).

O bairro surge a partir de dois processos: a demarcação político administrativo, definido pelo o poder público, com fronteiras fixas, atuando na organização do território urbano, e pelo o sentimento de pertencimento do morador no local. Complementando GRAÇA (2009) define: “Os bairros servem de referência para a construção de identidades sócio-espaciais e sentimentos de pertencimento, além de referenciais de aglutinação da população no âmbito de movimentos sociais.” (p.46)

Segundo TEXEIRA e MACHADO (1986, *apud* GRAÇA, 2009), o *bairro* pode ser definido ainda conforme: a paisagem urbana, o conteúdo social, a sua função na cidade, e por aspectos comercial ou administrativo. Eles têm diversidades e aspectos em comum no âmbito da cidade, diferem nas suas identidades culturais e se assemelham em funções dentro do contexto, e funcionamento da cidade. Ou seja, possuem suas especificidades e interferem nesta dinâmica do espaço urbano do qual faz parte.

Conforme, GEORGE, (1983 *Apud* Silva, M. 2011, p.22) O bairro é a unidade de base da vida urbana, onde o morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem a impressão de ultrapassar um limite, quando vai a outro bairro. É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, e não é o menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade.

1.2 Análise espaço temporal

A partir das categorias espaço-tempo buscamos compreender a produção e uso do espaço urbano, no determinado recorte temporal. Ou seja, o processo de aquisição de informações de um determinado espaço levando em consideração uma escala de tempo determinada.

Segundo Yuan, (2005 *Apud* Fernandes, 2006). A complexidade dos objetos espaços-temporais, os fenômenos, eventos e processos representa um desafio para categorizar as questões que visam compreender o mundo dinâmico.

Segundo SANTOS (1978), o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações que estão acontecendo, e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Por isso a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. Assim SANTOS (1979), reconhece no espaço, a instância imprescindível do materialismo histórico. “o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos” (1979, p.18).

Este mesmo autor atesta que os modos de produção tornam-se mais complexos e ao longo do tempo fazem acumular e superpor estruturas concretas nas preexistentes. Isto implica que sendo produzido, o espaço tem papel ativo em sua própria reprodução dentro da dinâmica social. Para Milton Santos, “*tomando isoladamente, tempo é sucessão, enquanto que espaço é acumulação, justamente acumulação de tempo*”(1979, p.42). Analisando as estruturas de produção, das relações sociais e econômicas no espaço e no tempo, SANTOS (1979) destaca as diferenciações e interações das sociedades na história e no presente fazendo um paralelo entre as formas e funções, segundo ele, mudanças na divisão do trabalho ocasionam mudanças funcionais, logo a inseparabilidade das formas e funções, fortalece e fundamentam a teoria do espaço.

Segundo Turner (1995 *Apud* Fernandes, 2006). A paisagem reflete as modificações da sua ocupação e uso do solo. Dado que a ocupação do solo é modificada sobre tudo pelo uso humano, é essencial a compreensão da mudança do uso do solo, para compreender a mudança da ocupação do solo.

1.3 A Teoria dos Circuitos da Economia Urbana

Em “*Espaço Dividido: a teoria dos circuitos da economia urbana*”, Milton Santos (1979), reconhece a existência de dois circuitos da economia urbana, como um novo paradigma de análise da urbanização em países subdesenvolvidos, na época.

Os argumentos propostos na teoria dos circuitos da economia vêm enfatizar que se trata de uma análise espacial do processo de modernização da economia urbana.

Conforme Santos (1979):

“O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos [...]. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão é interessado e mantém relações privilegiadas com sua região. Cada circuito constitui, em si mesmo, um sistema, ou antes, um subsistema do sistema urbano [...]” (SANTOS, 1979, p.16).

Sendo o “Circuito Superior” da economia urbana composto por uma economia com altas tecnologias, que atende uma parcela seletiva da população com maior poder de compra, SANTOS (1979) identifica as atividades que o integram: a indústria e o comércio urbanos e modernos, o comércio de importação e exportação, a indústria de exportação, os bancos, os atacadistas, e os transportadores. Tem a tecnologia, a organização burocrática, acesso ao crédito bancário e a forte presença de oligopólios. Como empresas multinacionais que recebem favorecimentos por parte do Estado, como oferta de infraestruturas, subsídio fiscal, reserva de mercados etc.

Enquanto que o “Circuito Inferior” da economia urbana resulta da exclusão das modernas tecnologias, e se destina à parcela mais desprovida de recursos. SANTOS (1979) define o Circuito Inferior como um subsistema do comércio regular, um “subsistema do sistema geral de relações espaciais” (p.17), que tem a cidade como centro de suas atividades. Dentro desta definição, estão compreendidas as atividades relacionadas à fabricação tradicional, transportes tradicionais e prestação de serviços.

Com base neste pressuposto a pesquisa trás uma análise do comércio local no bairro do Grotão, que se enquadra no Circuito Inferior, por ser uma área onde as relações comerciais são caracterizadas por constituir as relações: comércio e cliente, patrão e trabalhador.

SANTOS, (1979) considera este circuito como um elemento indispensável à apreensão da realidade urbana, pois as análises geográficas priorizavam o Circuito Superior, e como ele defende, há uma conexão entre eles. As relações contribuem para uma construção espacial com funções e interdependências.

Para CATAIA & SILVA, S. (2013), estes conceitos criados por Milton Santos, não seriam suficientes para fazer uma análise da dinâmica da economia urbana, logo afirma que os “*subsistemas*” não são elementos de formalidade e informalidade, mas modo de organização, e o uso de capital e tecnologia. Os conceitos de formal e informal, não abarca o sentido da funcionalidade em espaços periféricos. Não há em grande parte do comércio uma separação entre os dois, sendo só formal, ou informal. Ou seja, a produção se utiliza de formas disponíveis para atender as demandas, como mais agilidade e baixos custos de produção.

1.4 Feiras Livres e Estabelecimentos Comerciais

As atividades comerciais são praticadas há muito tempo pelas civilizações, são bastante diversificadas, refletindo a identidade dos costumes e culturas de um povo. As formas e práticas comerciais evoluíram com o passar do tempo. O que era praticado de forma artesanal no período das manufaturas, produzido pelo o grupo familiar, teve uma transformação gigantesca com o advento das técnicas e da produção fabril, nas revoluções indústrias. E as praticas das feiras livres tradicionais tiveram uma diminuição, surgindo modernas feiras em grandes centros comerciais.

Segundo Santos, E. (2002, p. 28) é normal o desaparecimento das feiras tradicionais, neste contexto de modernização. Com as novas formas de consumo e especificidades de funções, que o capitalismo impõe as sociedades, fica evidente a divisão do trabalho que separa produtores de bens de mão de obra com baixa especialização e os produtores e consumidores de serviços de alto poder de consumo. Há uma exigência por uma padronização das atividades comerciais a exemplo do Brasil, como cita, conforme a autora. Porém esta evolução na produção não alcançou igualmente todos os lugares, como afirma Milton Santos (2008). Este autor afirma que é um processo perverso, que exclui uma parcela da população. E cita “*a perversidade sistêmica é um dos seus colorários*” (p.37), que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas no processo da globalização.

As feiras foram o ponto de partida para o surgimento de muitas cidades, como as localizadas nas rotas de circulações, servindo também como embrião do comercio que conhecemos hoje. A feira é um organismo, que se adapta e sustenta uma parcela

considerável da população de baixo poder de compra, e de mão de obra com baixa qualificação profissional. As atividades e as relações de compra e venda, são de forma direta, comuns em países subdesenvolvidos, em áreas centrais e periféricas das grandes, médias e pequenas cidades. Com todas as mudanças que a dinâmica do capital influencia, é muito relevante o papel destes agentes na formação espacial das cidades, É um comércio que movimenta um cifra considerável de capital não tributado, como afirma, Santos E. (2002):

“As modificações na divisão social do trabalho e na sociedade como um todo pressupõem modificações no espaço urbano, tanto na esfera local (um bairro) como no contexto da cidade, principalmente no que se refere às atividades econômicas, à quantidade e à qualidade da mão de obra emprega, que juntas proporcionam um caráter diferencial à conjuntura socioeconômica desses espaços...” (Santos E. 2002. p.17)

“... Enquanto o circuito superior representa a formalidade das atividades comerciais, o circuito inferior, mesmo sem oferecer produtos de boa qualidade, corresponde a uma grande parcela do PIB brasileiro, uma vez que a descentralidade do circuito inferior e as desobrigações de pagamento de tributos fazem deste tipo de atividade a “fortuna” invisível do país”. (p.16)

Os estabelecimentos comerciais aparecem com as especificidades nas relações comerciais. Tem caráter formal, conforme lei estabelecida, mão de obra qualificada e registrada em regime de leis de trabalho em vigência, com uma dinamicidade na produção para ampliação do capital investido em curto prazo. Em conformidade, OLIVEIRA (2008), diz que “no capitalismo a diferenciação entre formalidade e informalidade é de natureza econômica, social e política e não apenas legal. A ilegalidade é mais consequência do que causa e, portanto, não define por si só a existência do chamado setor informal.” (p.8).

Em concordância com SANTOS (2002), em seu trabalho sobre “*Os pequenos centros comerciais e a (re) organização do espaço urbano: o caso do bairro Manaíra em João Pessoa – PB*”, para entender a “A geografia do comercio” toma-se como base o pensamento de Milton Santos (1997), que é utilizada pelos geógrafos para entender a organização do espaço, recebendo a influência do mercado a partir da existência de fixos e fluxos. Aqueles são vistos como um conjunto de atividades comerciais tradicionais ou modernas, grandes ou pequenas; estes se compreendem como a circulação das atividades patrocinadas pela inter-relação comerciantes e consumidores.

CAPÍTULO 2

2 - O BAIRRO “GROTÃO”

O bairro “Grotão” está localizado na zona sul da cidade de João Pessoa (PB). Tem como coordenadas geográficas 291721.00mE (longitude) e 9205408.00mS (latitude), 292224.00mE (longitude) e 9205400.00mS (latitude), 291758.00mE (longitude) e 9204730.00mS (latitude), 292380.00mE (longitude) e 9204752.00mS (latitude). Limita-se com os bairros Funcionários II ao norte, Funcionários III a oeste, Colinas do Sul (Gramame) ao sul e João Paulo II a leste. É composto por uma pequena população de aproximadamente 6.779 habitantes, segundo dados do IBGE (2010).

Destacaremos nesse trabalho as atividades presentes nos dias atuais consideradas como atividades do circuito inferior da economia urbana do bairro Grotão, com ênfase às diversas práticas comerciais exercidas na rua principal do bairro (Rua Espedito Belmiro Santos, travessa com as ruas Ladina Cunha Santos e Severino Bento de Moraes). Ver figura (1), e a feira livre, que fora o embrião desse circuito no bairro, e que resiste, em meio a outros estabelecimentos comerciais, formando um fluxo contínuo para a circulação de pessoas, mercadorias e veículos.

Mapa da Área de Estudo

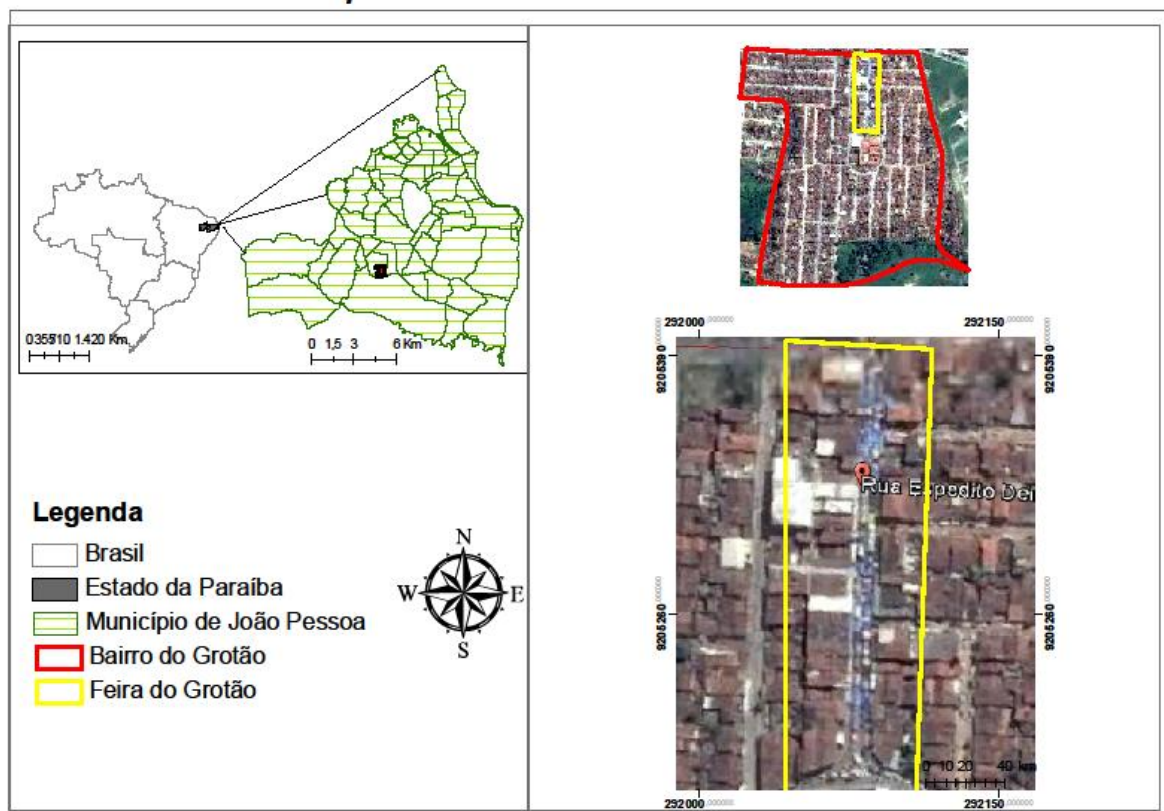


Figura 1: Mapa de Localização da área de estudo. Ilustração de imagens aéreas localização da área comercial
 Fonte: Google Earth. Autor: Erika Rodrigues/Acesso em março de 2013.

A referida feira surgiu na década de 1980, permanecendo no local há quase 30 anos. Atualmente acontece aos finais de semana (sábados e domingos), com 162 feirantes cadastrados, de acordo com dados de 2013, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de João Pessoa, SEDURB/PMJP.

Imagens das barracas e diversidade dos produtos comercializados na feira livre, conforme ilustração nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6:



Figura 2: Disposição das barracas.
Fonte: pesquisa de campo/2014.



Figura 3: Destaque para a presença de comerciantes ambulantes, compondo a feira no bairro Grotão, Fonte: pesquisa de campo/2014.



Figura 4: Ilustração de barracas de venda de frutas. Fonte: Pesquisa de campo/março de 2014



Figura 5: Ilustração de barracas de venda de pescado
Fonte: Pesquisa de campo/2014



Figura 6: ilustração de barracas com vendas de artigos e vestuários.
Fonte: Pesquisa de campo/2014

2.1- Ocupação territorial no bairro Grotão a partir da criação da feira livre na década de 1980.

A ocupação espacial na área que originou o bairro iniciou a partir de algumas “invasões” por pessoas que migravam de áreas afastadas da cidade e interioranas do estado da Paraíba, num processo de migração campo-cidade. Ocupando de forma irregular em áreas ociosas e periféricas na capital João Pessoa, improvisando choças² e barracos para se instalarem nas chamadas “periferias”³ da cidade. Conforme SILVA (2004), em “Características da Urbanização da Paraíba” afirma:

“Em função da política urbana centralizada do Governo Federal, a partir dos anos 60, e num momento de elevada aceleração da população urbana, através das migrações campo-cidade, a especulação imobiliária passou a ser a mola

² Choças termo utilizado por NEVES (1986), em “Estado e política habitacional no Grotão: Expropriação e resistência”, para denominar as habitações improvisadas pela a população que ocupava aquela área.

³ O termo correlato à periferia, em Francês –*banlieue* – tem um significado muito próprio, segundo George (1992:521), pois, embora estas extensões urbanas recentes comportem setores de moradias de alto nível em locais privilegiados, o *banlieue*. É identificado como uma franja mais ou menos continua de residências de classes sociais menos favorecidas, fazendo com que esta parte da cidade, seja identificada como, “a parente pobre da aglomeração”, com forte dependência dos serviços de qualidade concentrados no centro.(Sposito, 2004,p.121)

propulsora dos investimentos e consequentemente das distorções na ocupação dos espaços urbanos, visíveis na paisagem das principais cidades do Estado. Há pouco investimento em infraestrutura urbana de saneamento e pavimentação, originando uma organização espacial desigual caracterizando um acentuado contraste entre áreas nobres e as favelas, entre os vazios urbanos e as áreas ocupadas”. (SILVA, 2004.p.38)

De acordo com pesquisa de campo e entrevistas feitas a moradores (antigos) da área, e suas declarações, constatamos que, na década de 1970, já havia algumas ocupações, com pessoas vivendo sem nenhuma infraestrutura, em uma área com características rural e distante do centro da cidade João Pessoa. Contudo este espaço sofreu transformações a partir das políticas habitacionais dos governos, federal, estadual, e de parcerias com a iniciativa privada, importantes na organização do espaço urbano em todo Brasil.

Conforme SOUZA (1997), foram construídos vários conjuntos habitacionais, (entregues a partir do final da década de 1970 e início de 1980), como Castelo Branco, Ernesto Geisel, José Américo, etc. O conjunto habitacional do Grotão foi entregue em 1981. No bairro Grotão, há uma história de lutas e resistência, pela a população que ocupou aquela área, como destaca NEVES (1986) em “*Estado e política habitacional no Grotão: expropriação e resistência*”. Apud (Araújo 2006. p.42). Conforme afirma ARAÚJO (2006):

“[...] As políticas de habitação social desenvolvidas no Brasil, os conjuntos habitacionais, em sua maioria, foram financiados pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH), por intermédio do Banco Nacional de Habitação (BNH), órgãos criados pelo Governo Federal, [...] Em João Pessoa, o maior incremento dessa política ocorreu entre os anos de 1968 e 1983, [...] Nos anos de 1980-1990, houve uma maior aceleração da expansão urbana de João Pessoa, período em que o seu tecido urbano avançou sobre os espaços rurais.”(ARAÚJO, 2006,p.68-69)

A princípio foram construídas aproximadamente 500 casas, (dados da pesquisa de campo), uma parte para as pessoas que viviam em situação irregular e precária no local, e a outra parte a uma população que residia também de forma irregular no bairro Costa e Silva, em uma área de aglomeração “favela da Gauchinha”. Constatamos na pesquisa também evidências de moradores que se desfizeram de suas casas e voltaram para as áreas antigas, venderam ou mesmo trocaram por objetos, alegando as péssimas condições do conjunto

Habitacional “Glaucia Burity”⁴ devido à falta de políticas públicas para fixar esta população. Foram ampliados mais tarde com mais habitações pela Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP). Esta expansão da cidade planejada sob o domínio dos governantes tinha propósitos de manter a margem esta parcela da população e investir nas áreas centrais em novos equipamentos urbanos, que modernizasse o processo produtivo e as relações econômicas.

Conforme, ARAÚJO (2006), coloca no capítulo 2, “*Periferização planejada: a produção dos conjuntos habitacionais em João Pessoa*”. E cita:

“A produção-reprodução do espaço intraurbano apresenta-se intencionalmente imposta, sob um planejamento e desenvolvimento urbano que é definido segundo os diferentes interesses e necessidades do capital, de um pequeno segmento da sociedade, notadamente o de maior poder aquisitivo, e do Estado.” (ARAÚJO, 2006. P. 48).

Essa população, excluída por muito tempo deste processo, transformou a paisagem urbana da cidade, produzindo moradias de tamanhos distintos, reduzidos e compactos, a exemplo dos aglomerados subnormais⁵ no bairro Grotão, como identificou Souza Junior, (2008), “*Em a Participação dos Movimentos Sociais na Produção do Espaço de João Pessoa-PB*”, o do Arame (450 pessoas), Bananeiras (1.100 pessoas).

Na década de 70 as atividades eram tipicamente rurais, com plantação de alimentos e criação de animais, porém já começavam se delinear novas práticas produtivas, o “*comercio*”, os primeiros feirantes, comercializando os excedentes da sua produção que objetivava a subsistência, na via de acesso que seria a principal do bairro..

Segundo entrevistas informais com feirantes (antigos moradores e comerciantes, da época de 1989), no início, eram em torno de 10 feirantes comercializando seus produtos naquele bairro, que foi ampliando e diversificando os seus produtos para atender a clientela. De acordo com seus depoimentos a feira do Grotão surgiu “tímida”, como uma alternativa para alguns poucos. De acordo com estes, os primeiros feirantes foram

⁴ Conjunto habitacional Glaucia Burity, denominação dada pelo o governo do estado o então Buruty, (1981).

⁵ A SEPLAN e FAC classificam as ocupações irregulares como aglomerados subnormais, considerando os seus aspectos qualitativos, tais como: o perfil do emprego ao qual estão vinculadas essas populações; o perfil da renda familiar; o acesso às políticas públicas e aos equipamentos de infraestrutura. (*Apud* MEDEIROS, 2006, p.62).

moradores antigos que colocavam “bancas” com seus produtos agrícolas excedentes, que eles mesmos costumavam cultivar para a sua subsistência, como cereais, verduras, carnes, leite, etc.

Atualmente observamos, através da pesquisa, que a composição desses feirantes é bastante diversificada. São residentes em bairros afastados, e migram semanalmente para trabalhar na feira livre. Hoje, existem aproximadamente 200 feirantes e ambulantes, no entanto apenas 162 destes estão cadastrados na PMJP (Prefeitura Municipal de João Pessoa).

A partir dos anos 1990 surgiram os primeiros estabelecimentos comerciais na rua “principal” do Grotão, *Rua Espedito Belmiro Santos*. Hoje, existem nessa rua cerca de 80 estabelecimentos, entre eles, mercadinhos, supermercados, padarias, lojas de vestuários, farmácias, açougues, granjas, armarinhos, etc.

Quando questionamos sobre a importância da feira para as relações socioeconômicas entre os comerciantes, e fregueses dos bairros circunvizinhos, concordam que os feirantes são a ponte que leva as mercadorias aos seus destinos, e ao fazê-lo está disseminando uma das praticas mais antigas das civilizações, que demonstra cultura e meios de sobrevivência, que supre as necessidades de uma população que busca em suas fontes as melhores possíveis.

Também perguntamos sobre quais as dificuldades enfrentadas, nos dias de feira livre, em relação à mobilidade nas via principal e as vias de acesso a esta. Para eles há graves problemas na estrutura imposta aquele bairro. E que o crescimento da feira, em meio a um espaço de casas adensadas, “compactas”, em uma área relativamente pequena, e tem obstruído a circulação de veículos e pedestres que vão à feira e que atravessa o bairro em direção ao Colinas do sul (ao sul), Funcionários II(norte) e João Paulo II(a leste).

Como proposta de melhoria das condições do “circuito” comercial no bairro Grotão, a maioria concorda que as políticas de investimentos em infraestrutura podem transformar a realidade do espaço urbano local. Eles falam em instalação de boxes, ou criação de um mercado, programas de capacitação na aérea, e de linhas de credits para esta classe.

A relação entre os donos dos estabelecimentos comerciais e os feirantes, foi um dos pontos de destaque na pesquisa. A maioria afirma que essa relação sempre foi pacífica, com autonomia para ambos na circulação e divulgação dos seus produtos. Desempenhando o seu trabalho com respeito e tolerância aos sucessores e fundadores do pequeno comercio.

Também foi de suma importância conhecer o perfil dos comerciantes, sabermos se são moradores do bairro e se tem alguma identidade com o lugar⁶. Hoje observamos uma grande mudança neste perfil, os feirantes são de diversas localidades como, Ernani Sátyro, Mandacaru, Funcionários II e III, Colinas, etc. Não tem uma identidade cultural com o lugar, como os que estiveram desde o início da fundação Do bairro e da feira. No entanto são importantes agentes deste processo, produzem e dinamizam a distribuição de mercadorias e lucros, juntos sustentam uma parcela considerável da população.

2.2 Infraestruturas: Equipamentos urbanos e mobilidade.

De acordo com (ABNT), NBR 9284/86, equipamentos urbanos: “[...] É um termo que designa todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinado à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados”.

Segundo a Lei Federal 6.766/79, consideram-se urbanos os equipamentos públicos de abastecimento de água, serviços de esgotos, energia elétrica, coletas de águas pluviais, rede telefônica e gás canalizado.

Estes equipamentos trazem melhorias as populações, sendo implantados após estudos e planejamento, para respeitar os níveis de organização do espaço e a abrangência dos serviços prestados. Atualmente o bairro já disponibiliza de uma pequena infraestrutura, dentre estes, estão uma Unidade de Saúde da Família (USF), figura (8) para atender a população do bairro e as localidades próximas, posto policial (desativado), no entanto, observa-se ronda policial frequentes na área.

Na questão dos transportes públicos, há três empresas de ônibus que fazem o percurso diariamente da zona sul ao centro, e outras áreas da capital. Contribuindo assim com a locomoção da população que trabalha em diversas áreas da cidade.

Com relação aos equipamentos urbanos da educação, o bairro dispõe de uma creche, figura (8) e duas escolas públicas figura (9 e 10), que atendem a uma parte da

⁶ Para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. A compreensão do lugar no movimento das contradições exige entendê-lo pautado nos seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global.

população de idade escolar que reside no bairro, e facilitam a vida das mães que trabalham. No bairro existe uma associação de comerciantes e moradores, onde se organizam para reivindicar melhorias para o bairro, e atender a população com serviços e cursos de capacitação para os adultos e adolescentes carentes, figura (12).

O abastecimento de água é feito pela CAGEPA (Companhia de água e esgotos da Paraíba), figura (13), e o fornecimento de energia elétrica pela Energisa.

A telefonia é administrada pela “OI” figura (13) antiga Telemar. O bairro conta também com alguns dos mais importantes correspondentes bancários Banco do Brasil (BB) e Caixa Econômica Federal (CEF) ver figura (14 e 15). Fotografia feitas durante pesquisa de campo.



Figura 7 - Posto médico (USF)



Figura 8 - Creche/CREI



Figura 9 – EMEF Tharcilla Barbosa da Franca.



Figura 10- EMEF Pedra do Reino



Figura 11- Associação de comerciantes/Grotão.



Figura 12- Caixa de distribuição de água (CAGEPA)



Figura 13- Telefonia móvel.



FIGURA: 14 e 15 - Correspondentes bancários: Banco do Brasil (BB) e CEF (Caixa Econômica Federal).

Segundo dados do IBGE (2010) as residências não possuem saneamento e serviço de esgotos em sua maioria, sendo fossa séptica ou esgotos jogados a céu aberto. As vias públicas não são todas asfaltadas apenas as principais onde há um fluxo mais intenso de veículos. As áreas verdes estão quase desaparecendo, restam apenas 2 Ha (hectares) (IBGE) desta área, localizada próxima ao rio *Cuiá* (Figura 16).



Figura 16: Imagem ilustrando a situação do remanescente de vegetação natural do bairro Grotão, com destaque para a sua proximidade com a nascente do rio Cuiá. E a localização da rua principal do bairro. Fonte: *Google Earth* (acesso março de 2014).

O intenso processo de desmatamento que ocorreu ao longo destes quase 30 anos, na área devido as praticas agrícolas no início e as construções de moradias, mudou totalmente a paisagem, e a vegetação que compunha as áreas próximas ao vale que é cortado pelo o rio *Cuiá*. Rio este que possui uma nascente localizada no bairro e vivem graves problemas com a poluição que recebe. Conforme ROSAS e SILVA. (sem data).

“[...] A Bacia do Rio *Cuiá* foi inicialmente ocupada para atividades socioeconômicas referentes à pastagem e agricultura, a partir do estabelecimento de granjas e sítios, no entanto somente no início da década de 1970 é que surgiram os primeiros conjuntos habitacionais, [...] O sistema hidrográfico da Bacia do Rio *Cuiá* é composto pelo Rio *Cuiá*, que é o principal curso d’água cuja nascente está no conjunto habitacional do Grotão e deságua na planície costeira referente à Praia do Sol” (ROSAS e SILVA, (sem data) p. 04)

As áreas edificadas apresentam uma morfologia bem adensada, principalmente em dois pontos: nas áreas de comércio onde foi possível observar estruturas cada vez compactas, ocupando o menor espaço possível, de forma funcional. O outro ponto são os aglomerados subnormais, (Arame e Bananeiras) que surgem ocupando uma área que faz divisa com os bairros vizinhos como João Paulo II a leste. Ali há uma mudança na paisagem do conjunto habitacional Grotão, que foi construído e planejado de forma simétrica e funcional para os moradores.

A mobilidade urbana no bairro é bem “confusa”, principalmente na área da feira, nos finais de semana. As ruas *Espedito Belmiro dos Santos* (principal), *Laudina da Cunha Santos* (sentido bairro Colinas do sul), e *Severino Bento de Moraes* (divisa com o bairro dos Funcionários II, sentido Ernesto Geisel), destacam-se no bairro, pois favorecem a circulação de ônibus e veículos em geral, porém não apresentam sinal de trânsito e nem faixa de pedestres, o que representa um grave problema se considerarmos que o fluxo de pessoas e veículos é bastante intenso aos finais de semana. As imagens ilustram a bifurcação das ruas que liga o Grotão aos bairros Colinas do Sul, Funcionários II, e João Paulo II. Figuras (17, 18 e 19).



Figura 17- Vista do início da Rua Espedito Belmiro dos Santos, vias para direita sentido Colinas do Sul e sentido esquerdo sentido funcionários II



Figura 18 - Vista da Rua Laudina da Cunha Santos. Sentido Colinas do Sul, na semana sem feira livre.



Figura 19: Rua Severino Bento de Moraes. Sentido João Paulo/Funcionários II e Ernesto Geisel.

CAPÍTULO 3

3. AS CARACTERÍSTICAS DAS RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DO “CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA”, NA ÁREA DE ESTUDO.

A partir da pesquisa de campo realizada, nota-se que as relações socioeconômicas no bairro Grotão ilustram as características mais marcantes do que se chamou de “*circuito inferior da economia urbana*”. Alguns dados qualitativos e quantitativos podem ser mostrados para confirmar essa situação.

A feira do Grotão é um lugar em que tudo acontece ao mesmo tempo, tem a desorganização como característica destes espaços, que dão origem a uma gama de acontecimentos, aonde o sujeito que vai pela primeira vez tem diferentes percepções do espaço.

A feira ocorre aos sábados e domingos, na *Rua Espedito Belmiro Santos*, aonde as barracas são dispostas enfileiradas pelos seus donos, ou funcionários, para expor suas mercadorias para os fregueses (tabela 1).

Tabela 1- Artigos expostos na feira do Grotão. Fonte: pesquisa de campo (2013/2014).

Nº Feirantes	Artigos vendidos na feira do Grotão
05	Utensílios (domésticos)
05	Frutas e legumes
08	Carnes e peixes
04	Macaxeira, batata, e inhame
06	Temperos e ervas
02	Roupas, acessórios, etc.
10	Cereais

Foram entrevistados, nos dias 01 e 02 de fevereiro de 2014, 25% do total de feirantes, da área de estudo. As informações levantadas foram muito importantes para traçarmos o perfil desses comerciantes e suas relações com os demais agentes na produção do comércio.

Identificamos que a faixa etária de maior ocorrência está entre 31-50 anos. Com relação ao tempo de atividade na feira livre, muitos ainda permanecem desde a sua criação,

no início da década de 1980, no entanto, existem pessoas que comercializam há pouco tempo na feira (menos de 02 anos).

Com relação ao grau de escolaridade dos feirantes e donos de estabelecimentos comerciais entrevistados, foi possível perceber que dos feirantes, 7,5% tem o ensino superior, 7,5% são analfabeto, 30% tem o ensino fundamental incompleto, 22% ensino fundamental completo, 20% ensino médio incompleto, 7,5% tem ensino médio completo e 5% ensino superior. Enquanto que os donos de estabelecimentos, (7%) analfabeto, (13%) tem o ensino fundamental incompleto, (7%) ensino fundamental completo, (23%), ensino médio incompleto, (37%) ensino médio completo e (13%) superior. Ver gráfico 1 e 2:

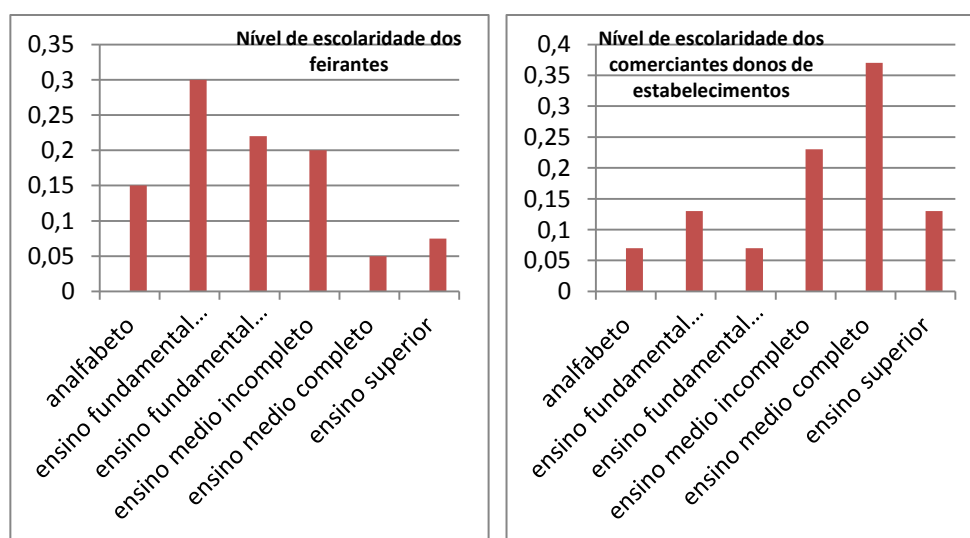


Gráfico 1: Grau de escolaridade dos feirantes / Gráfico 2: comerciantes donos de estabelecimentos segundo a pesquisa.

O perfil dos donos de estabelecimento mostra que estão entre as faixas etárias de 30 e 50 anos, e apenas 30% entrevistados residem no bairro. Com relação ao local de residência, a amostra considerada, revela a diversidade de origem desses trabalhadores, no entanto, mais de 50% são residentes do próprio bairro. Ver gráfico 3:

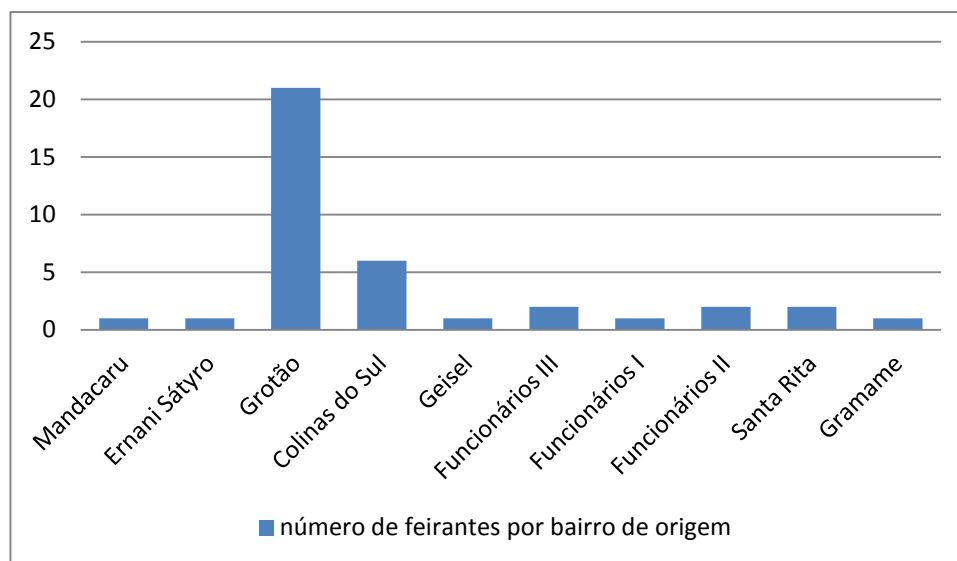


Gráfico 3: Dados referentes a local de residência dos feirantes que comercializam na feira livre.

São poucas as exceções em que o empregado declarou-se ter vínculo trabalhista. Esta é uma característica das feiras livres, segundo a teoria dos circuitos da economia urbana, ao qual o comércio está inserido.

A maioria das barracas⁷ na feira, do Grotão, foi adquirida por meio de compra, sendo 10% fruto de herança familiar, e 5% alugadas.

Foi relatado pelos feirantes que em um período de 5 anos houve um aumento nas vendas de 55%, mas, mesmo assim, mais de 60% revelaram que mesmo com o aumento nas vendas, a situação financeira/renda permanecem a mesma, e apenas 35% relataram ter sentido uma melhora.

Foi também relatado que a exigência dos consumidores é crescente, e que vale a pena investir na melhoria da qualidade dos produtos, e na sua apresentação. A maioria concorda que a qualidade, e a apresentação dos produtos influenciam nas vendas, e atraem mais fregueses para a feira.

De acordo com os feirantes, alguns fregueses são fieis, e costumam comprar sempre à mesma barraca, porém, a maioria 45% afirma que os fregueses preferem pesquisar os preços, e melhores produtos.

⁷ Os termos “barraca” ou “banca” de feira, explica-se : são usados pelos feirantes ao de referirem ao equipamentos com estrutura capaz de suportar as intempéries e os esforços do peso dos produtos que são expostos para ser comercializados.

Os feirantes compram suas mercadorias de produtores e atravessadores para serem revendidas. Geralmente utilizam a forma de pagamento “à vista”.

Mais de 70% dos feirantes tem na sua atividade, a única fonte de renda, no entanto, uma pequena porcentagem de 8% tem outras fontes de renda, como aposentadorias, e outras atividades em dias opostos aos da feira.

Os consumidores vão à feira, principalmente, porque é possível encontrar produtos frescos. Dentre eles, 50% admitem que o atrativo da “feira” é sua diversidade de produtos, e preços mais baixos. Para estes a feira é um lugar de aquisição de produtos materiais de primeira necessidade, à medida que estes se tornam fregueses, adquirem outras características, que nascem naquele ambiente, como a troca de conhecimentos, e a vivência.

Com relação à infraestrutura e organização da feira, os fregueses disseram ser necessárias melhorias. E sugeririam mais segurança na mobilidade urbana, fiscalização da vigilância sanitária, e investimentos de políticas públicas.

Em relação ao comércio atacadista foi a partir da década de 1990 que os comerciantes começam a se estabelecer na rua onde já acontecia a feira. No final dos anos noventa, de acordo com os depoimentos locais, foram surgindo os “mercadinhos” que segundo eles vieram causar impactos positivos ao comércio local, atraindo mais consumidores para seus estabelecimentos.

Foram aplicados questionários no dia 30 de janeiro de 2014, e a pesquisa teve como amostra 37,5%, dos estabelecimentos comerciais, de um total aproximado de 80 entre médios e pequenos estabelecimentos, na Rua *Espedito Belmiro Santos* onde está localizado comércio. Ver gráfico 4:

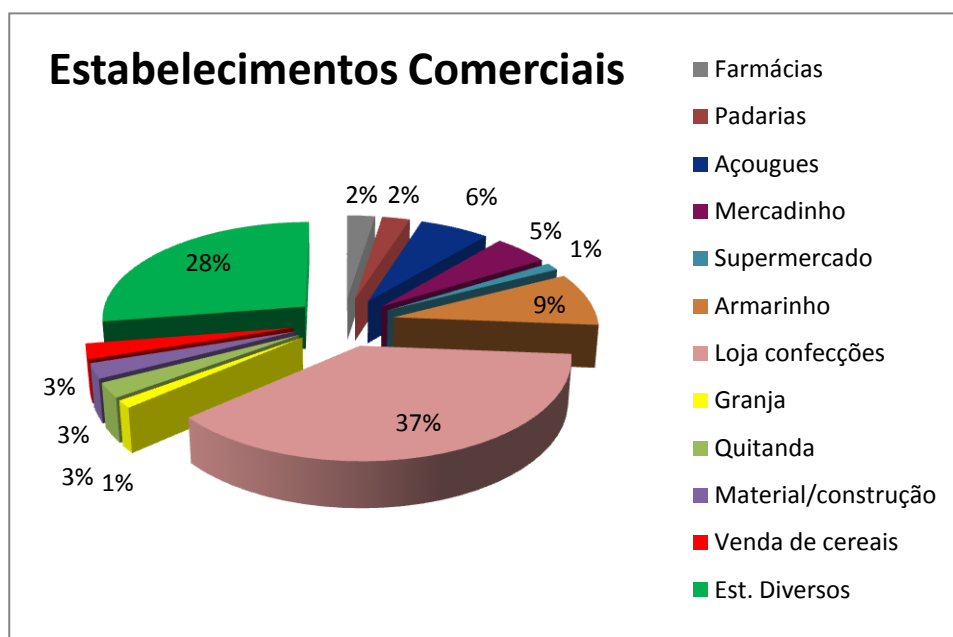


Gráfico 4: Diversidade dos estabelecimentos comerciais na area de estudo

Verificamos na pesquisa de campo que 37% dos estabelecimentos, são pequenas lojas de vestuários, que funcionam diariamente, e 28% são estabelecimentos de artigos diversos, pet shops, bombonieres, vendas de materiais eletrônicos, etc. Destacamos a importância de comércios de grande porte como supermercado, que movimenta e atrai muitos consumidores. Embora discretamente com apenas 1%. Ver figuras (20, 21, 22 e 23):



Figura 20: Supermercado Mendonça/localizado na Rua Espedito Belmiro Santos. Fonte pesquisa de campo/2014



Figura 21- lojas de calçados/armário, etc.



Figura 22- Farmácias, lotéricas, lojas, etc



Figura 23- lojas/ academia/ materiais de construção

As faixas etárias dos donos de estabelecimento mostra que estão entre os 30 e 50 anos, e apenas 30% dos 30 entrevistados residem no bairro. Destes 35% possuem estabelecimento desde o início da década de 1990, 45% a partir do ano 2000, 30% após 2005.

A convivência com a feira livre que acontece aos finais de semana é pacífica para 80% dos entrevistados, 6% concordam que apesar da desordem atrai mais fregueses e 14% afirmam que há uma relação de interdependência sem a feira não haveria o fortalecimento do comércio local.

Já em relação ao espaço físico um quantitativo de 53% concorda que cada um respeita o espaço do outro, 8% acreditam que às vezes há um avanço dos feirantes sob os espaços dos estabelecimentos, mas contornável. 30% diz que os frequentadores dos pequenos comércios costumam comprar também na feira de forma complementar, e 9% acham que a feira deveria ser relocada para um mercado com uma melhor organização dos comerciantes, feirantes e ambulantes, para melhorar a circulação, isto coloca uma possível solução para a infraestrutura do funcionamento do comércio. Embora eles em sua maioria concordem que o arranjo da feira livre não interfere na paisagem de forma prejudicial à imagem do bairro.

Os questionários aplicados aos fregueses/consumidores tiveram como objetivo a análise da população consumidora dos produtos do comércio local, qual a origem e tempo que frequenta a feira, quais os motivos que atraem para que venham comprar, quanto gasta

em média, qual a relação que se estabelece entre feirante e freguês, e quais as sugestões para melhorar a qualidade dos serviços e produtos comercializados.

Como mostra o gráfico (4) os consumidores são oriundos de bairros do entorno do Grotão. Destes, 28% residem no bairro Funcionários II e III, Ernani Satyro 8% no Colinas do Sul 10%, Ernesto Geisel 5%, João Paulo II 13%, e a grande maioria 36% residem no próprio bairro.

Dos fregueses entrevistados, 65% são mulheres, mantendo ainda o perfil das “consumidoras”, embora tenha aumentado a quantidade de homens que vão à feira.

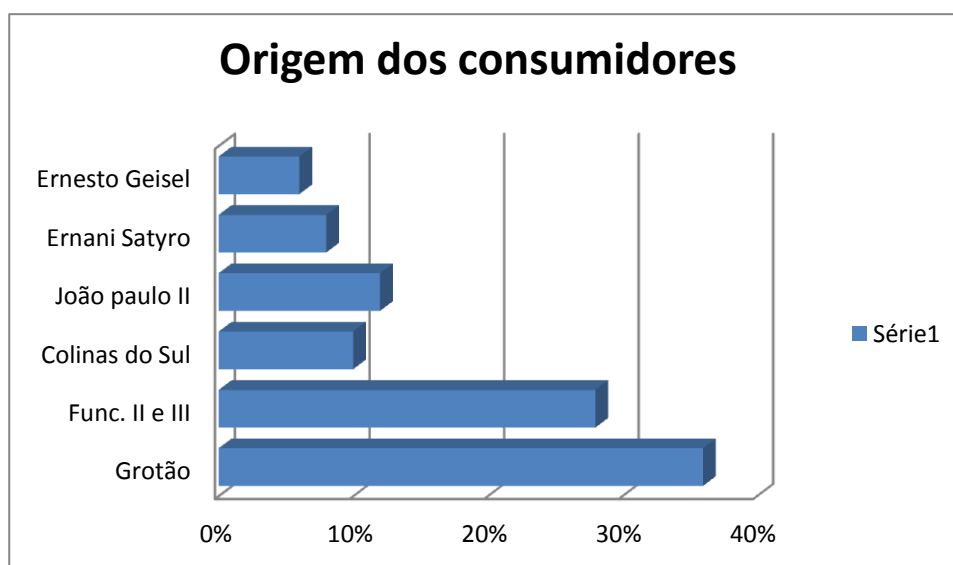


Gráfico 5: Origem dos consumidores do comércio.

Os fregueses apontam os seguintes motivos pelos quais frequentam àquele comércio: preços baixos (49%); qualidade dos produtos comercializados (30%), além da proximidade e acesso a feira, evitando o deslocamento para outros mercados. como pode ser observado no gráfico 6:

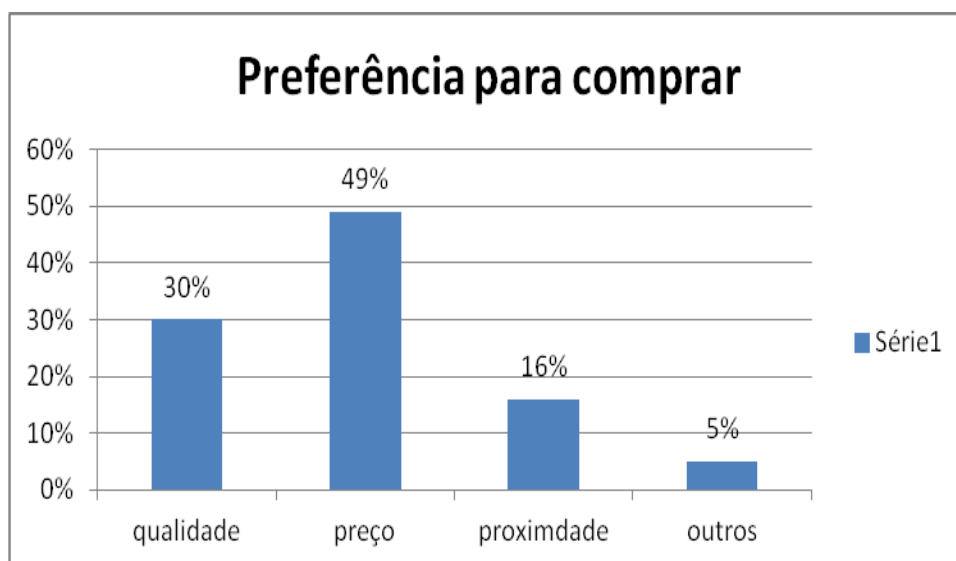
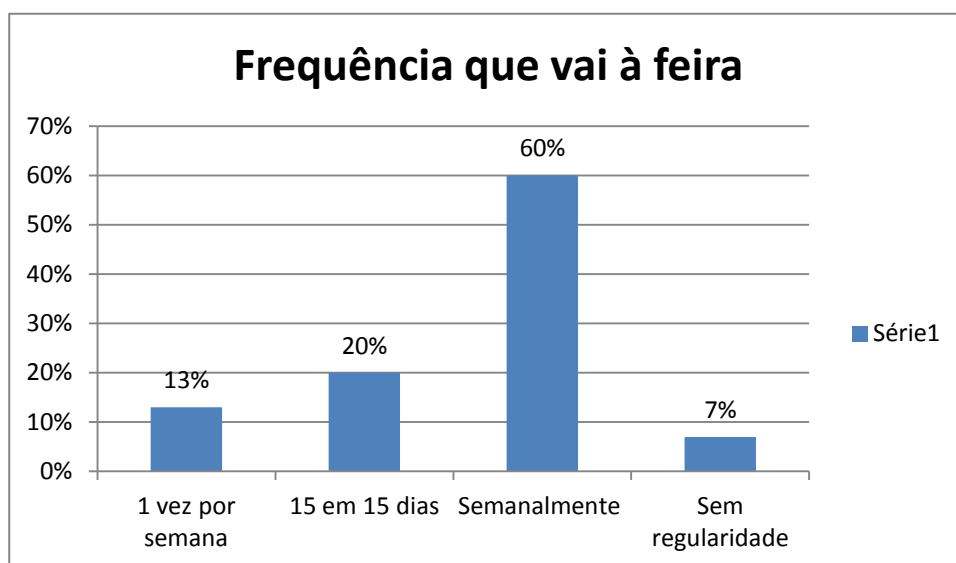


Gráfico 6: Sobre a preferência dos consumidores em comprar na feira do bairro.

Dos consumidores entrevistados, 35% gasta só o que planejou para aquele dia, no entanto, em torno de 40% sempre acaba gastando mais. Quanto à frequência, 60% costumam ir semanalmente à feira, e 7% não têm regularidade. Ver gráficos 7:



Gráficos 7: Frequência que os consumidores vão a feira.

O relacionamento entre os fregueses e feirantes ocorre de formas diversificadas, 40% dos entrevistados costumam conversar e mantêm uma relação próxima, e uma minoria de 12% não mantém nenhum diálogo com os feirantes. Também questionamos sobre se já tiveram orientação de algum feirante quanto ao uso ou forma de preparo de algum alimento ou receita que não conhecia 32% já, de receitas de peixes, saladas, chás,

etc. e 20% dos fregueses já prestou alguma informação sobre algum assunto desconhecido pelo feirante. Em torno de 20% costumam comprar os produtos somente a um determinado feirante, no entanto mais de 70% preferem pesquisar preços mais em conta e qualidade. Ver gráfico 8:

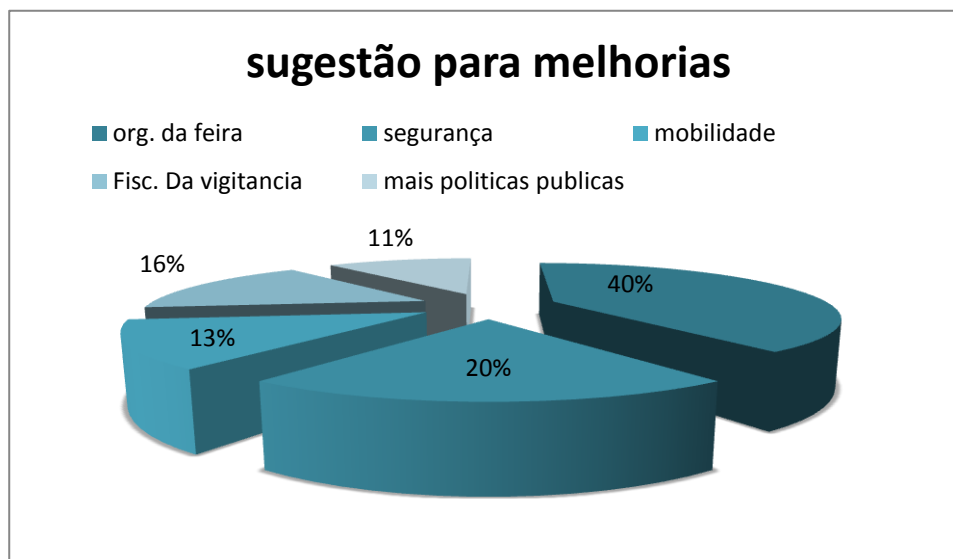


Gráfico 8: demonstra algumas sugestões para melhorias na feira segundo os consumidores.

Para concluir os questionamentos com os consumidores/fregueses eles fizeram sugestões para melhorias no comércio: 40% concorda que organização e disposição das bancas da feira atrapalha a circulação dos pedestres, 20% acredita que é necessário mais segurança, 13% falam da circulação dos transportes muito confuso aos finais de semana, 20% pede mais fiscalização da vigilância sanitária quanto a qualidade dos alimentos e conservação e 7% acredita que os investimentos em políticas públicas por parte dos governantes iria melhorar e fortalecer o comercio local.

3.1 As relações e influencias com as áreas do entorno do bairro Grotão.

Como afirma CORRÊA (2006), a cidade funciona em sua “totalidade”, os bairros compõe uma teia que estão direta e indiretamente interligados, a circulação de pessoas, serviços e produtos.

O bairro em questão possui um comércio de feira livre há mais de 30 anos, e vários estabelecimentos comerciais que absorve parte da população que se encontra fora do mercado de trabalho, por questões como despreparo profissional, e baixo nível de escolaridade. Tem atraído comerciantes de outras áreas da cidade como também

freguesias. É um “subsistema”, como SANTOS (1979), denomina “Circuito inferior” da economia urbana, que tem um papel importante na conjuntura econômica do município, ao passo que, absorve uma considerável parcela da população consumidora dos bairros circunvizinhos.

Como muitos bairros da capital, as áreas periféricas são fontes de mão de obra para o trabalho, na produção comercial da capital. Composto o “Circuito Superior” da economia. As modernas formas de trabalho, legalizados, sistematizado, e com jornadas preestabelecidas e salários fixos. As características determinam as especificidades e qualificação dos processos e funções para chegar às formas que o produto final. O capital é o motor que move o *Circuito Superior*, enquanto o trabalho intensivo o *Circuito Inferior*, é importante colocar que ambos estão imbricados em uma complexidade de formas e processos, ou seja, são interdependentes.

A importância dessas áreas periféricas vem aumentando para o setor privado, no caso em questão o solo urbano é de usos diversos. A especulação imobiliária que cresce e transforma áreas naturais com modernos equipamentos urbanos, e novos condomínios com melhores estruturas que vai atender a uma parcela da população. Cresce também o potencial de consumo, que atrai comércios de maior proporção como é comum em outros bairros circunvizinhos, e a população ocupada com as atividades comerciais locais diárias e na feira livre aos finais de semana, e/ou em estabelecimentos fixos de diversos tipos (farmácias, lojas, açougues, granjas, padarias, etc.).

3.2 As relações identitárias dos comerciantes a partir do cotidiano da feira.

Tomando como paradigma a geografia crítica, autores como: Santos (1994, 2004) e Carlos (1996, 2001), comungam da mesma opinião, em que o lugar é uma construção social. Para entendermos como nos identificamos com um determinado espaço, precisamos conhecer o lugar, vivenciar as mudanças diárias, construir uma relação, e sentimento de pertencimento com o mesmo.

Dentro desta concepção de “lugar como uma construção social”, há uma valorização das inter-relações. Considera-se o novo, ou seja, não apenas os elementos internos do espaço vivido, mas os externos que contribui para a construção socioespacial.

A partir destes espaços de manifestações múltiplas, presença de tipos comuns como a dona-de-casa e personagens bem diversos, como advogado, médico, professor, etc. Possuem origens e classes sociais, opostas, mas compartilham o mesmo espaço e dividem experiências. Assumindo novos lugares neste arranjo espacial, de “consumidores” e “agentes” na transformação do espaço.

Conforme Lefebvre (1991 *apud* Souza (2009), *“O cotidiano destes lugares designa a atividade criadora por meio da construção individual e coletiva dos seus moradores diante da reprodução do espaço”*. E complementa ainda *“a produção do espaço social pode ser dividida em três dimensões. O espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”[...]*.

Para Bourdieu(1989, *Apud* Boechat e Santos J. P.7), a feira é um local de relação social e troca de saberes, como hábitos culturais e aquisição de experiências vividas coletivamente, ou mesmo individualmente. Um freguês vindo de uma realidade diferente do feirante pode trazer um infinidade de conhecimentos para trocar com ele, da mesma forma o feirante que pode dar grandes contribuições ao partilhar os seus conhecimentos e experiências de vida.

A identidade que os feirantes tem, nasceram da vivência diária, das memórias que construíram ao longo do processo histórico do bairro e nas formas que compõe a paisagem, que *“pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons...”* para SANTOS (1994), a dimensão da paisagem é a percepção, e a percepção é um processo seletivo de apreensão, cada um tem visões diferentes da mesma realidade.

A partir de entrevistas com os moradores antigos, que residem a mais de 30 anos, demonstram que conhecem a história e são conscientes da sua importância para futuras gerações. As suas histórias de vida se confundem com a do bairro, pois, são testemunhos vivos de um processo histórico e de evolução socioespacial. Tem uma identidade cultural com hábitos e costumes adquiridos, que perpassam de pai para filho.

Um Ponto que foi destaque na pesquisa com os feirantes, onde famílias que tem uma tradição na prática do comércio de feira livre, e que está na terceira geração, embora alguns integrantes do núcleo familiar tenham outras atividades extras, durante a semana, ainda permanece naquele espaço.

São profundamente preocupados com as causas sociais negligenciadas pelo o poder público, se mobilizam unidos pelos ideais que acreditam que contribuirá com o crescimento do lugar e das pessoas que compõe a comunidade. Como consta no processo

de criação do bairro Grotão, embora semelhantes aos demais bairros da capital João pessoa, foi primeiramente “conquistado”, ocupado por pessoas que queriam um “pedaço de chão” para trabalhar e criar suas famílias, com isto sofreram as intervenções que vieram posteriormente desencadear uma resistência pela população que já haviam construído uma identidade com o lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na composição desse trabalho que buscou desenvolver uma pesquisa no contexto da Feira livre. Tivemos como ponto de partida a análise das relações socioeconômicas no âmbito do comércio tradicional. Considerando as reflexões teóricas e metodológicas apresentadas, a qual teve como embasamento, a teoria de Milton Santos (1979), que classifica os sistemas produtivos em “subsistemas” da economia, e divide em “Circuito Superior e Circuito Inferior” da economia urbana.

Foi extremamente importante para o desenvolvimento do trabalho, conhecer a dinâmica da feira e estabelecimentos comerciais, que tem nas características do *circuito inferior*, a abertura e facilidade de absorção de pessoas que não tiveram melhores oportunidades e qualificação para o mundo do trabalho. Constatamos que são grandes espaços de sociabilidades, há uma interação comerciante-consumidor que define a natureza destas relações e permanência da mesma.

Em um período de 5 (cinco) anos os comerciantes do circuito local mudaram de perfil, em relação ao local de moradia, a renda com a feira melhorou, a permanência na atividade tem variado, a qualidade dos produtos e atendimento teve melhora, as relações de trabalho permaneceram com características típicas destes sistemas, os fluxos de pessoas e mercadorias e a quantidade de feirantes aumentaram consideravelmente neste período. Sugerindo a necessidade de um espaço que ofereça melhores estruturas com equipamentos e produtos de qualidade.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Luciana Medeiros de. **A produção do espaço intraurbano e as ocupações irregulares no Conjunto Mangabeira, João Pessoa – Pb.** – João Pessoa, 2006.

ARRUDA, José Nildo Frutuoso de. **Potencialidades e limitações dos produtos de sensoriamento remoto para o processo de ensino-aprendizagem de geografia no Ensino Fundamental II /** - João Pessoa, 2013.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), no documentos NBR 9284/86.

BICUDO JÚNIOR, E. C. **O circuito superior marginal: produção de medicamentos e o território brasileiro. 2006.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOECHAT, Patrícia Tereza Vaz e SANTOS, Jaqueline Lima dos. Feira livre: **Dinâmicas Espaciais e Relações Identitárias.** Pós Graduação em cultura. Estadual da Bahia- campus V.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** SP. Atica. Serie Princípios, 2000.

_____. **Estudos sobre a rede urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

_____. **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CATAIA, Márcio e SILVA, Silvana Cristina da. **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade.**Unicamp- Boletim Campineiro de Geografia, v. 3, n. 1, /2013.

CARNEVALLI, José Antonio e CAUCHICK Miguel, Paulo Augusto. **Desenvolvimento da Pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo tipo survey sobre a aplicação do QFD no Brasil.** Santa Bárbara d'Oeste, SP/ 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo demográfico de 2000/2010**. João Pessoa: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, acesso em 12 de novembro de 2013.

GRAÇA, José Alves. **Abairramento da Cidade de Cubatão**. Santos. 2009.

MANZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. 2012.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

NEVES, E. R. **Estado e política habitacional no Grotão: expropriação e resistência**. 1986 Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa. 140 p.

OLIVEIRA, Edison Luís de. **Divisão do Trabalho e circuitos da economia urbana de Londrina-PR**. 2009.338.f. tese (Doutorado).Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROSAS, Paulo Roberto de Oliveira e Silva, Leonardo.“**CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO USO DO SOLO NA BACIA DO RIO CUIÁ** “Referencia Paulo Roberto de Oliveira Rosas – Prof. Geografia – UFPB

SANTOS, M. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **O Espaço Dividido**. São Paulo, Francisco Alves. (1979)

SILVEIRA, M. L. **Crises e paradoxos da cidade contemporânea: os circuitos da economia urbana**. In: X SIMPURB: TRAJETÓRIAS DA GEOGRAFIA URBANA NO BRASIL: TRADIÇÕES E PERSPECTIVAS, Anais... Florianópolis: UFSC, 2007a.

SILVA, Michael Lopes da. **A evolução do aumento do tráfego de veículos na zona sul de João Pessoa - caso do Bairro Bancários** – João Pessoa, 2011.

SOUZA, M. A. A. **Cidade: lugar e geografia da existência**. In: 5º SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, Salvador: UFBA, 1997. p. 01-10.

SILVA, V. P. Projeto de pesquisa **“O circuito inferior e o meio construído de cidades pequenas do semiárido potiguar na era da globalização: uma análise geográfica”**. Natal: CEFET-RN, 2008.

SANTOS, Edinilza Barbosa dos. **Os pequenos centros comerciais e a (re) organização do espaço urbano: o caso do bairro Manaíra em João Pessoa – PB**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SANTOS, R. e CARVALHO. **Análise espaço-temporal da dinâmica do espaço urbano em consequência da industrialização no município de Três Lagoas-MS-Brasil/2011**.

SOUZA Júnior, Xisto Serafim de Santana de. **A Participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço de João Pessoa-PB** /Presidente Prudente/ 2008, 341 f.

SOUZA, Benedito Gemaque. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. La contribution d’Henri Lefebvre à la réflexion spatiale urbaine de l’Amazonie. /2009.

SIMÕES, Robson e SABINO Anderson. **O ESPAÇO EM TRANSFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DE ESPAÇO DESENVOLVIDO POR MILTON SANTOS**_ Publicada em EGAL 2013.

SILVA, Lígia Maria Tavares da. **Características da Urbanização da Paraíba/2004**

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do estado de São Paulo, Brasil**. 2004.

<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/seplan/perfil-joao-pessoa/> acesso em 31/01/2014//<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/sedurb/> acesso em 31/01/2014.

APÊNDICE

Apêndices – Questionários e roteiros de entrevistas elaborados para a coleta das informações pertinentes.

Questionário -1

 UFPB Universidade Federal da Paraíba Programa de graduação em geografia Roteiro de pesquisa para entrevistas com comerciantes/feirantes

Entrevista com os feirantes, versando sobre as relações comerciais da feira livre do bairro do Grotão /JP.	
Nome do feirante:	Reside:
Data:	
Entrevistador:	
1. Qual a sua idade:	
() menos 20 anos () 21-30 () 31-40 () 41-50 () 51-60 () acima 61 anos	
2. Qual o seu grau de instrução?	
() analfabeto () 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto () 2º grau completo () superior () pós-graduado	
3. Há quantos anos você trabalha na feira livre?	
() 1-5 anos () 6-10 anos () 11-15 anos () 16-20 anos () + 21 anos _____	
4. Quantas pessoas se envolvem diretamente nas suas atividades da feira?	
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6-10 () +11 pessoas	
5. Quantas pessoas são da sua família (pais, sogros, filhos, genros, noras, sobrinhos)?	
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6-10 () +11 pessoas	
6. Quantas pessoas envolvidas são empregados e não tem vínculo familiar?	
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6-10 () +11 pessoas	
7. Qual a origem do seu ponto na feira?	
() concessão da prefeitura () comprou o ponto () herança () alugado	
8. Comparando o nível de exigência dos consumidores de hoje, com os consumidores de 5anos atrás, quanto à qualidade de produtos, as exigências:	
() aumentaram () diminuiram () não mudaram () não sabe dizer	
9. Comparando as vendas nas feiras de hoje, em relação às vendas a 5 anos atrás, estas:	

() aumentou () diminui () não mudou () não sabe dizer () não era feirante
10. Comparando a sua situação econômica hoje em relação a 5 anos atrás:
() melhorou () piorou () permanece igual () não sabe dizer () não era feirante
11. Qual a sua satisfação com a atividade de feirante?
() insatisfeito () parcialmente satisfeito () satisfeito () muito satisfeito
12. Vale a pena investir na melhoria da qualidade dos produtos e na apresentação desta feira?
() sim () não () talvez () não sabe responder
13. Você acha que o cliente compra sempre os mesmos produtos com um mesmo feirante?
() sim () não () às vezes sim () apenas para alguns produtos () não sabe
14. Sobre a infraestrutura e organização da feira o que você acha que de melhorar nesse período de 5 anos?
15. Porque você acha que o consumidor vem comprar na feira?
16. Qual a origem dos feirantes no início de funcionamento das feiras?
17. A feira é a sua principal fonte de renda? Se não, qual?
18. Quando os atacadistas começaram a atuar no bairro?
19. O surgimento dos supermercados causou algum impacto na feira livre? Por quê?
20. Quais as formas de pagamento que você mais se utiliza para comprar os produtos que comercializa?
() à vista () à prazo c/ cheque () outras
Obrigada!

Questionário 2

 Programa de graduação em geografia	
Roteiro de perguntas a serem realizados durante as entrevistas	
Comerciantes donos de estabelecimentos do entorno da feira	
Comerciante:	Reside:
Estabelecimento:	
Idade:	Data:
Entrevistador:	
1. Qual o seu grau de instrução?	
() analfabeto () 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto	
() 2º grau completo () superior () pós-graduado	
2. Há quantos anos você é comerciante?	
() menos de 5 anos () 6-10 anos () 11- 16 anos () 16-20 ano () acima de 21 anos	
3. Desde quando você possui este estabelecimento? Tem outros?	
4. Com relação à convivência com a feira que acontece nesta rua, qual a sua opinião?	
5. A convivência é produtiva para o comercio local? Por quê?	
6. Você acha que a paisagem composta pelo o arranjo da feira, interfere na “imagem” do bairro? Sim ou não. Porque?	
7- O que você acha que deveria melhorar neste espaço do comercio?	
Obrigada!	

Questionário 3



Programa de graduação em geografia


Pesquisa realizada no bairro do Grotão em João Pessoa/PB

Pesquisa com fregueses

Consumidores:	Data:
Entrevistador:	Local:
Reside:	
1 . Ha quanto tempo você é freguês da feira?	
() 1 a 5 anos () 5 a 10 anos () ou acima de 10 anos	
2.Com que frequência você faz compras na feira livre?	
() vez por semana () 15 em 15 dias () 1 vez por mês () não tem regularidade	
3. Gênero	
() masculino () feminino	
4. Qual o seu grau de instrução?	
() analfabeto () 1º grau incompleto () 1º grau completo	
() 2º grau incompleto () 2º grau completo () superior () pós-graduado	
5. Qual é o principal motivo que faz com que você prefira comprar na feira livre?.	
() a qualidade	
() o preço-	
() a proximidade	
() outros	
6. Você costuma gastar mais do que estipula antes de sair de casa?	
() não, gasto só o que planejei	
() sempre acabo gastando mais	
() nem sempre, mas às vezes sim	
() não costumo controlar, compro o que preciso	
7. Qual o tempo médio que você gasta fazendo compras na feira?	
() não tem regularidade () depende do dia () não sabe responder	
8. Você costuma conversar sobre assuntos diversos com os feirantes enquanto compra?	
() sim () não () as vezes	

9. Você já teve orientação de algum feirante quanto ao uso ou forma de preparo de algum alimento ou receita? Qual?
() Sim () Não
10. Você já ensinou ou prestou alguma informação sobre algum assunto desconhecido pelo feirante? Qual? Burocracia,
() sim () não
11. Tem produtos que você compra somente de um determinado feirante?
() não () sim
12. Qual a distância da feira até a sua casa:
() 2 quadras () de 2 a 10 () 10 a 20 quadras () acima de 20 () reside em outro bairro
13. Você acha que a feira precisa melhorar? Se sim, quais pontos você sugere?
<div style="text-align: right;">Obrigada!</div>

Roteiro de entrevistas

 Universidade Federal da Paraíba	
Programa de graduação em geografia	
Roteiro de entrevistas prévias com os moradores do bairro do Grotão/JP	
Entrevistador:	
Entrevistado:	
Local:	
Data:	
1. Quando surgiu a feira? Quantos feirantes compunham a feira?	
2. Quando surgiram os primeiros estabelecimentos comerciais?	
3. Quantos feirantes fazem parte hoje da feira livre?	
4. Quantos estabelecimentos comerciais existem hoje na rua principal do circuito comercial?	
5. Qual a importância da feira para as relações socioeconômicas entre os feirantes e consumidores dos bairros circunvizinhos?	
6. Quais as dificuldades enfrentadas em relação a mobilidade nas vias nos dias de feira?	
7. O que você acha que pode ser feito para melhorar as condições do circuito comercial?	
8. Qual a relação dos donos de estabelecimentos e os feirantes?	
9. Qual o perfil dos comerciantes atualmente?, e tem alguma identidade com o lugar?	
10. Você concorda que deveria haver mais investimentos do poder público nestes pequenos Comércios das periferias? Quais?	
11. Porque e com que frequência você vai ao centro da cidade?	
12. Qual a importância do bairro no contexto da cidade de João pessoa, em sua opinião? E Por quê?	
Obrigada!	